

ESTADO DE SÃO PAULO
27 ABR 1992

Existem muitas formas de demonstrar que uma sociedade despreza a idéia de futuro. A mais contundente delas sem dúvida é provar que, em cada grupo de cem de seus futuros cidadãos, 82 deles não conseguem concluir o curso que oficialmente lhes deve ensinar "apenas" o fundamental para participar da modernidade. Hoje ninguém mais duvida que só abandona a condição de analfabeto funcional aquele que apresenta o nível de escolaridade necessária para lidar com as exigências da moderna vida econômica e social e com os avanços da tecnologia. Se de cada cinco brasileiros só um deles consegue um desenvolvimento motor e uma capacidade cognitiva para lidar com os mecanismos do futuro, está mais do que na hora de rever o que pretendemos ser em termos de sociedade organizada.

Os dados da Secretaria Nacional de Educação Básica do MEC, confirmando que 67% das matrículas de primeiro grau são desperdiçadas, 47% por evasão e 20% por repetência, sinalizam que

Educando só 18%

a produtividade do sistema escolar brasileiro não corresponde a um terço do que dele se esperava. Ou seja, a relação custo/benefício de cada cruzeiro investido em Educação neste país joga fora dois terços de seu potencial! O pior é que o "um terço" que chegou a assimilar oficialmente o conteúdo fundamental não retém nem 30% do conteúdo mínimo transmitido em Matemática! Em Português e em Ciências estamos melhores: os alunos aprendem 50% do que lhes é ensinado. Quando o próprio relatório do MEC mostra que 25% dos docentes "confessam" que conseguem cumprir menos de 60% do programa de ensino previsto por ano, e nos últimos quatro anos, por exemplo no Rio de Janeiro, foram 179 os dias de greve, num ano letivo de 180 dias, o que será que as nossas crianças sabem mesmo?

Tais dados provocam um farto rol de acusações. O governo de imediato lembra que os professores têm formação deficiente, lamentando que apenas 4,7% dos nossos docentes têm pós-

Educação

graduação. Apenas 5% dos professores ouvidos no próprio relatório do MEC relacionam o fracasso escolar ao próprio despreparo. Preferem lembrar que "como na saúde alguns doentes saram, outros não". Os pais escusam-se de qualquer responsabilidade maior, imaginando que a sua obrigação termina porque, enfim, fazem o sacrifício de pôr o filho na escola. Ao governo nem sequer ocorre que a nossa taxa de escolarização já é de 97% e, portanto, o nosso problema não é de tijolo e cimento e sim de Educação real. Os professores escondem-se atrás do salário de fome que recebem para que a baixa produtividade do sistema seja encarada como natural. Os pais confundem escola com assistência social porque, enfim, é mesmo o caminho mais fácil.

Até quando a situação de mútuas acusações, sem nenhum projeto educacional sério que altere o fato de que capacitamos apenas um em cada cinco brasileiros, permitirá que continuemos sendo uma sociedade organizada?